

# Aprender a reciclar: um olhar sobre as práticas de trabalho

Vanessa de Campos Junges, Simone Alves Pacheco de Campos e Rúbia Goi Becker

## RESUMO

Este estudo tem como objetivo compreender como a prática do trabalho coletivo da reciclagem é apreendida, produzida e reproduzida, a partir de um estudo de caso em uma associação de reciclagem. A elaboração dos dados empíricos tomou por base o método de *zoom in* e *zoom out*, operacionalizado por meio de técnicas etnográficas. A análise foi desenvolvida por meio de análise textual e uso de *templates*. Os dados revelam que os praticantes ressignificam a prática do trabalho coletivo da reciclagem mediante negociação e reflexividade, suspendendo o fluxo da ação anterior e legitimando um novo repertório de construções normativas, reconhecidas conjuntamente. Concluiu-se que o modo de organização e aprendizagem dos recicladores propicia, ao longo do tempo, a construção e a reconstrução de práticas produzidas nas interações entre sujeitos, conhecimento e materialidade, fazendo com que a prática do trabalho coletivo da reciclagem mantenha-se em refinamento constante. Estes achados, especialmente no tocante ao trabalho coletivo, revelam nuances sobre o processo de *organizing* e *learning*, incentivando gestores a superar, por meio da aprendizagem pela prática, desafios advindos de projetos sociais.

Palavras-chave: estudos baseados em prática; aprendizagem; prática; *knowing in practice*.

Recebido em: 19/09/2021

Revisado em: 10/11/2021

Aprovado em: 11/03/2022




*Learning to recycle: a look at work practices*

## ABSTRACT

*This study aims to understanding how the practice of collective recycling work is learned, produced and reproduced, based on a case study in front a recycling association. The construction of empirical data was based on the zoom in and zoom out method, operated through ethnographic techniques. The analysis was developed through textual analysis and the use of templates. The data reveals that practitioners give new meaning to the practices of collective recycling work through negotiation and reflexivity, suspending the flow of the previous action and legitimizing a new repertoire of normative constructions, recognized together. It is concluded that the way of organizing and learning of the recyclers provides the construction and reconstruction of practices over time, produced in the interactions between subjects, knowledge and materiality, making the practice of collective recycling work remain in constant refinement. The contributions of these findings, especially in regard to collective work, reveals nuances about the organizing and learning process, supporting managers to overcome challenges facing social projects based on learning through practice.*

*Keywords: practice-based studies; learning; practice; knowing in practice.*

Vanessa de Campos Junges ,


Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
Mestre em Administração, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

[vanessadecamposjunges@gmail.com](mailto:vanessadecamposjunges@gmail.com)

Simone Alves Pacheco de Campos ,

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
Doutora em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.

[simoneapcampos@gmail.com](mailto:simoneapcampos@gmail.com)

Rúbia Goi Becker ,

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil  
Mestre em Administração, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

[rubiagoibecker@gmail.com](mailto:rubiagoibecker@gmail.com)

## Introdução

Em determinadas formas organizacionais, nas quais o conhecimento não pode ser armazenado em livros e manuais, devido seu caráter coletivo, prático e sociomaterial (Gherardi, 2008; Fenwick, Jensen & Nerland, 2012), o saber relativo ao desempenho de uma tarefa é encenado por atores dentro de um grupo de trabalho, e se desenvolve a partir da linguagem, das ações e dos materiais utilizados por pessoas em um grupo social (Bispo & Cavalcante, 2019). A exemplo disso, entende-se que a aprendizagem em trabalhos como o da reciclagem, foco deste estudo, pode ser entendida como um acontecendo na prática, superando a ideia de soma dos conhecimentos dos indivíduos.

Ao entender que conhecer torna-se um significado de praticar (Gherardi, 2008; Gherardi e Perrotta, 2011), este estudo argumenta que, em formas organizacionais como as associações de reciclagem, a aprendizagem e o conhecimento acontecem simultaneamente na prática, estando imbricados. Diante disso, busca-se responder a seguinte questão: “Como se constitui a textura de práticas que formam a aprendizagem do trabalho coletivo da reciclagem na Associação Inova?”. Este estudo objetiva, portanto, compreender como a prática do trabalho coletivo da reciclagem é apreendida, produzida e reproduzida.

Alguns autores têm buscado explorar a temáticas dos Estudos Baseados em Práticas (EBP) em outros formatos organizacionais, tais como bioconstrução (Camillis, 2019), artesanato do bordado filé (Silva & Silva, 2019), estágio profissional (Dean & Sykes, 2021), culturas populares (Santos, Silva, Dias & Moraes, 2021), feira livre (Ferreira, Fantinel & Amaro, 2021) e tatuadores (Becker, Campos & Antonello, 2021). A fim de compreender a aprendizagem como um processo, concebendo o conhecimento como algo em desenvolvimento e compartilhamento no local de trabalho, pesquisas têm abordado como esses fenômenos ocorrem na prática profissional (Gherardi, Cozza & Poggio, 2018).

Moura e Bispo (2021) ressaltam o *gap* de pesquisa que há nas áreas de administração e de estudos organizacionais em relação a temas relevantes para a sociedade, sugerindo que a adoção das teorias da prática pode contribuir para tais investigações. O estudo da prática em formas organizacionais alternativas, tais como as associações de reciclagem, visa contribuir para a superação das referidas lacunas, aprofundando empiricamente a investigação da textura de práticas que conectam o saber com o fazer, que possibilitam que a aprendizagem ocorra à medida que os indivíduos se envolvem em práticas enredadas por atividades corporais, mentais e pelo ambiente material (Feldman & Orlikowski, 2011). Nesta investigação, a escolha do objeto colabora com os estudos organizacionais por tratar de um trabalho atrelado a uma função pouco reconhecida e compreendida como simples, visto ser uma atividade relacionada à reciclagem. Santos e Cassandre (2017) argumentam sobre a necessidade de explorar novas formas organizacionais populares, as quais normalmente não possuem reconhecimento científico, porém abarcam, em seus espaços fontes relevantes de conhecimento teórico.

Entre as contribuições do estudo, a representação do aspecto processual da aprendizagem organizacional possibilita analisar o conhecimento/aprendizagem/conhecer/aprender como uma textura de práticas que compõem o trabalho coletivo da reciclagem, entendendo que, em tais contextos, o conhecimento está presente nas práticas e nas relações de produção e reprodução (Gherardi & Strati, 2014). Do ponto de vista teórico, a investigação apoia os cientistas sociais na obtenção de *insights* sobre como as diferentes práticas interligam-se e moldam-se umas às outras, contribuindo para a compreensão de como estão sujeitas a adaptações e ajustes, operacionalizando empiricamente, por intermédio do *zoom in* e do *zoom out*, a proposta sistemática de análise da prática. Captura-se, portanto, a vida cotidiana na situação em que ela ocorre, revelando uma forma de pensar as organizações e o conhecimento gerado nesses espaços.

Este estudo, após a introdução, contém mais quatro seções. Na seção dois, é apresentada a base teórica; na três, expõe-se o percurso metodológico; na quatro, são feitas a análise e a discussão do estudo; na cinco, pontuam-se os principais achados, as implicações teóricas e práticas, bem como expressam-se recomendações para pesquisas futuras.

## Estudos baseados em prática

A temática da aprendizagem tem assumido relevância nos estudos organizacionais. Sob a lente teórica dos EBP, o estudo do processo de aprendizagem organizacional torna-se, pois, desafiador, envolvendo profissionais com diferentes perfis, os quais compartilham experiências, conhecimentos e consciência profissional durante sua atuação em tarefas econômicas, sociais e políticas (Guile, 2014). Sendo assim, entende-se que o processo de aprendizagem é o caminho para a aquisição da prática (Gherardi, 2009), a qual oportuniza nova forma de pensar, de aprender e nova possibilidade de compartilhar conhecimentos.

O interesse em estudar as práticas foi desencadeado, na década de 90, por um movimento de estudiosos, conhecido como *re-turn to practice*, responsável pela mudança na compreensão do conhecimento, que passou a ser considerado saber (Gherardi, 2011). Os EBP postulam que o conhecimento ocorre em ação, situado em um contexto histórico, social e cultural, sendo incorporado por elementos materiais (Nicolini, Gherardi, & Yanow, 2003). Entre as disciplinas, os estudos organizacionais foram dos primeiros a redescobrir teorias de prática e apropriá-las sob óticas inexploradas (Gherardi, 2019), inspirando o desenvolvimento de estudos com uma visão não cognitiva do conhecimento (Corradi, Gherardi, & Verzelloni, 2010; Gherardi, 2006, 2009, 2011, 2012a; Gherardi & Strati, 2014; Nicolini, 2009a), ou uma alternativa à sua mercantilização (Gherardi & Strati, 2014).

Ao conceber a organização e o cotidiano como resultantes de práticas, fruto da combinação inteligível de ações, artefatos (materiais e não materiais), símbolos e pessoas, os EBP desafiam o paradigma positivista (Pimentel & Nogueira, 2018). A prática postula a compreensão relacional e social (baseada na prática) do mundo, percebido por texturas de práticas contínuas

que buscam dissolver os dualismos social/material, corpo/mente e teoria/ação (Gherardi, 2006, 2012b; Gherardi & Strati, 2014; Nicolini, 2012). Os pesquisadores que se interessam pela compreensão do *knowing* situado na prática do contexto organizacional partem da orientação de que a “[...]vida social e organizacional se origina e transparece através das realizações em tempo real das atividades comuns” (Nicolini & Monteiro 2017, p. 110).

A transmissão de conhecimentos é entendida como uma prática social, sendo importante acrescentar a essa discussão o conceito de prática postulado por De Certeau (2014). Para este autor, práticas são maneiras de fazer o cotidiano, social, espacial e temporalmente. Ao lançar o olhar sobre o cotidiano, De Certeau (2014) dá voz a trabalhadores frequentemente esquecidos, por meio de narrativas que contemplam suas ‘artes do fazer’. Tal maneira de fazer o cotidiano, no entendimento De Certeau (2014), decorre de dois processos entendidos como ‘estratégias’ e ‘táticas’. As estratégias envolvem a dimensão tecnológica das práticas, por meio do cálculo das relações de forças que possibilitam tanto ‘re-conhecer’ quanto isolar sujeitos de poder e saber, assim produzindo lugares. As estratégias buscam a homogeneização e a imposição da ordem. As táticas, elaborando discursos totalizantes, configuram-se como maneiras de produzir a improvisação, a instabilidade, possibilitando a reapropriação dos locais, atribuindo ao espaço social dinamicidade e movimento (De Certeau, 2014).

Visto dessa forma, o cotidiano do trabalho compreende um espaço de produção e reprodução contínuas de conhecimento, pois as interações emergem no nível coletivo da aprendizagem, engendradas por relações sociomateriais que ocorrem na prática (Gherardi, 2009, 2011). Os estudiosos que se dedicam ao campo dos EBPs assumem, portanto, o pressuposto que o saber-fazer emerge de uma produção contínua que se modifica por meio das ações dos indivíduos (Feldman & Orlikowski, 2011; Oliveira *et al.*, 2016; Bussular & Antonello, 2018).

Os EBPs buscam dissipar os vieses cognitivistas. Eles amparam a compreensão sobre como atividades e rotinas diárias acontecem e influenciam a dinâmica organizacional (Boas & Cassandre, 2018), ou seja, há movimento e transformação constante. Na noção de *organizing-knowing-learning*, como processos interconectados (Gherardi, 2001, 2006, 2009, 2011; Nicolini *et al.*, 2003), as práticas engendram-se em uma textura social produzida por corpos e artefatos, evitando que possam ser completamente acessadas pela mente (Ferreira, Fantinel & Amaro, 2021).

Em complemento, argumenta-se que os EBPs entendem que as práticas são “[...]inerentemente locais e realizadas a cada vez pela primeira vez” (Nicolini & Monteiro, 2017, p. 5), ou seja, o saber é concebido, modificado e legitimado a cada prática. Conforme Corradi *et al.* (2010) e Gherardi (2011), a prática é elucidada segundo três dimensões: como conjunto de atividades interligadas, as quais precisam ser reconhecidas socialmente para gerarem uma orientação comum; como processo de sentido, que está voltado a como fazer, gerando a negociação de práticas compartilhadas; como efeitos sociais, direcionando-se às práticas interconectadas e sua ligação com a sociedade. A natureza temporal e recursiva possibilita que a prática seja reconhecida como um modo habitual de fazer, a ponto de não se tornar uma reprodução mecânica (Gherardi, 2009; Bussular & Antonello, 2018).

Gherardi (2011) menciona que as práticas são modos de ordenar o mundo, pois existem práticas comuns na sociedade que se institucionalizam. Por meio de um sistema de normas, a prática é sustentada e reproduzida de acordo com julgamentos normativos negociados entre os praticantes que acabam por moldar o ambiente em um processo contínuo, gerando aprendizado (Bussular & Antonello, 2018; Coelho & Godoy, 2011; Gallon *et al.*, 2016; Gherardi, 2006, 2009, 2011, 2012a). Assim, a aprendizagem envolve produção, circulação, institucionalização e contribuição do conhecimento para a sociedade (Gherardi, 2001).

A racionalidade da prática é guiada pelo entrelaçamento entre seres humanos e objetos, reforçando um estar-no-mundo, ou seja, a sociomaterialidade do mundo (Pimentel & Nogueira, 2018), ao explorar o processo por meio do qual identidades, artefatos, ideologias, regras, linguagem, moralidade e interesses são tecidos juntos e afetam uns aos outros no processo de aprendizagem coletiva (Gherardi & Nicolini, 2001). A prática aciona as faculdades sensoriais de modo diferente de uma pessoa para outra, produzindo uma compreensão da experiência sensível (Strati, 2007), cujo conhecimento reside na participação e na interação dos indivíduos, em seu meio social, como seres organizacionais (Gherardi, 2012b).

Emaranhada por interconexões e elementos não objetivos que não podem ser expressos integralmente pela linguagem oral e escrita, a prática conjuga conhecimentos estéticos e do discurso, mobilizados durante seu desempenho (Gherardi & Strati, 2014). É na interação entre humanos e a materialidade que a prática se faz, mediada por artefatos construídos socialmente, a partir dos significados atribuídos pelos indivíduos, decorrentes de comportamentos rotineiros (Strati, 2007).

Neste estudo, a prática expressa um fazer com conhecimento, envolvendo um padrão recorrente de ação, gerado por um nexos de significado compartilhado entre as pessoas durante sua performatividade (Gherardi, 2006, 2011, 2018). A prática refere-se à ideia de um fazer coletivo e conhecedor, concebendo o conhecimento como acontecendo no e pelo fazer, como uma atividade situada, emergente e embutida (Gherardi & Strati, 2014; Nicolini *et al.*, 2003; Orlikowski, 2002).

Os indivíduos são agentes sociais que interagem, possuindo sensibilidade, que os faz agir pensando nos indivíduos e nas coisas a sua volta (Nicolini & Monteiro, 2017). O entendimento de artefato envolve seu reconhecimento e sua análise como 'ser-em-uso', parte integrante de práticas organizacionais ativadas no curso da ação (Strati, 2007). Compreender a AO pela prática requer reconhecer os fazeres e os dizeres como ordenados e materialmente mediados (Nicolini & Monteiro 2017). Aqueles que desejam estudar a prática devem reconhecer os elementos materiais presentes nas interações entre o saber e o fazer, pois a vida cotidiana das organizações é marcada por artefatos como sistemas, memória institucional, dados, informações (Strati, 2007).

Em complemento a essa linha de pensamento, Gallon *et al.* (2016) investigaram manicures, a fim de analisar as diferentes formas de aprendizagem que emergem durante a prática de um trabalho específico. Identificaram que o aprendizado pode ser obtido não somente por um extenso período de

estudos, como em universidades, mas também por meio da experiência de cada indivíduo, desde que seja praticado continuamente. Uma atividade envolve diversos aspectos, os quais devem ser cautelosamente administrados e reorganizados, pois se aprende pelo constante aprimoramento. As práticas podem ser tanto ensinadas quanto aprendidas: se um indivíduo passa a trabalhar em determinado lugar, ele traz consigo suas experiências e assim impacta as práticas já desenvolvidas, bem como é por elas impactado.

Corroborando essa lente teórica, Oliveira, Mozzato e Colet (2016) investigaram o processo dos trabalhadores de uma pequena farmácia, revelando que a aprendizagem coletiva emerge da interação no grupo e que, em alguns casos, a falta de qualificação técnica não impede que os indivíduos desenvolvam suas atividades de forma satisfatória, configurando o aprender por meio da própria prática. Buscar manter relações externas pode ser uma forma de obter maior aprendizado.

Santos e Cassandre (2017) estudaram, pela lente dos EBPs, o processo de aprendizagem de serventes de limpeza em uma instituição de ensino superior. Os autores identificaram que a aprendizagem é orientada por interação social, artefatos e outros elementos que interferem no processo, como a cultura que envolve as atividades e os praticantes. O fato de a atividade ser também desenvolvida em casa carrega um sentido simbólico para as praticantes, legitimando a qualidade da prática. Existem práticas que estão além do esperado, em que a coletividade reconhece como uma prática que tem sentido afetivo e deve ser desenvolvida.

Nessa perspectiva, a aprendizagem ocorre por meio do *knowing in practice*, reconhecendo o conhecimento como representação e realização, ao invés de propriedade estática (Avila & Antonello, 2016). A aprendizagem é desenvolvida e modificada, no cotidiano de trabalho, tanto de modo coletivo quanto pela própria prática (Feldman & Orlikowski, 2011; Gherardi, 2006, 2011, 2012a; Santos & Cassandre, 2017). Nicolini (2009a) argumenta que o interesse renovado na prática pode se orientar visando investigar o que de fato é feito no trabalho e como é feito, a fim de compreender o sentido da prática para os indivíduos.

Antonacopoulou e Pesqueux (2010) asseveram que, nas ciências sociais, poucas palavras causam maior confusão do que o termo 'prática', daí a conseqüente importância em delimitar teórica e empiricamente seu entendimento. Para os mesmos autores, a prática nada mais é do que uma alternativa teórica para a compreensão de 'como' as coisas são feitas nas organizações. Coerente com esse entendimento, abre-se caminho para a compreensão de uma teoria substancialista da organização, em que "[...] as práticas são a substância da organização" (Antonacopoulou & Pesqueux, 2010, p.4). Acrescenta-se a essa discussão uma importante alternativa teórica dentro do prisma das teorias da prática, alicerçada no conceito de sabedoria prática e *phronesis*, entendida como prudência ou sabedoria prática (Ames, Serafim & Zeppelini, 2017)

O termo *phronesis*, alicerçada em conceitos aristotélicos, tem sido amplamente empregado em estudos que versam sobre ética, moral, virtudes e cuidado. Outros usos remetem aos trabalhos de Heidegger (2002), Ricoeur (2009) e, para os fins aqui defendidos, de Gadamer (2002), que assume o entendimento de conhecimento prático.

A inter-relação desse conceito com os EBPs é ressaltada principalmente pelas contribuições de Macintyre (2007) para quem ele assume caráter relativo à comunidade. No presente estudo, a linha teórica adotada para a compreensão da prática foi a do *knowing in practice*, assentando-se principalmente na proposta metodológica de Nicoloni (2009).

### *Knowing in practice*

Para ser performada, a prática requer que humanos e artefatos sejam combinados, de modo que cada elemento tenha um lugar e um sentido na interação, concebendo o conhecer (*knowing*) como uma atividade situada e o conhecer na prática (*knowing in practice*) sempre como uma realização prática (Gherardi & Strati, 2014). Imerso no saber-fazer, o *knowing in practice* é expresso pela capacidade de conhecimento ou inteligibilidade do que pode ser conhecido enquanto está sendo feito (Orlikowski, 2002). O conhecimento é gerado pela participação cometente na complexa teia de relações entre pessoas, artefatos materiais e atividades (Gherardi, 2001).

A organização passa a ser compreendida como ordenamentos de práticas de organizar que formam a realidade social (Czarniawska, 2010), ou seja, a ideia de *organizing* expressa por um saber que é fazer e por um fazer que é saber (Nicolini *et al.*, 2003). Como parte desse processo contínuo, o sentido e os indivíduos representam elementos situados e contextuais, entrelaçados pela prática que, ao ocorrer no aqui e no agora, revela a inteligibilidade presente no fazer e a ordem social (Nicolini, 2012). Nesse âmbito, *doing-knowing-learning* estão entrelaçados nas práticas diárias, sendo fruto de um processo emergente, dinâmico, relacional e contínuo (Avila & Antonello, 2016).

O *knowing in practice* é processual, aberto e temporário, sendo constituído e reconstituído cotidianamente (Orlikowski, 2002). O *know-how* que caracteriza a prática é fruto de um *continuum* mutável, em que o *knowing* está sendo reconstruído a todo tempo e, por ser instável, não tem início nem fim. Os refinamentos e as ressignificações da prática decorrem de interações e variações que acontecem no próprio fazer, o que leva a não existir um desempenho aceitável único, por não poderem ser reproduzidas de modo idêntico (Gherardi, 2001, 2006, 2009, 2011, 2012a; Nicolini *et al.*, 2003).

Avila e Antonello (2016), em sua pesquisa, visaram compreender o *knowing in practice* de uma equipe de desenvolvedores de *software* a partir das práticas de trabalho. Entre as contribuições, os autores evidenciam que o *knowing in practice* é compreendido por meio da análise e da descrição do contexto, por ser possível verificar, de forma conjunta, os fatores que o envolvem, compreendendo como ocorre o conhecimento. A flexibilidade e o autogerenciamento de um grupo em momentos de adversidades podem se refletir em aprendizado advindo da prática.

O caráter dinâmico da textura de práticas é dado pelo *knowing*, pois pensar, saber e fazer ocorrem ao mesmo tempo, o que gera a natureza de constante transformação das práticas que estão em interação (Gherardi, 2011). É preciso, portanto, ampliar o entendimento da vida organizacional como malha de conexões, para que sejam elucidados os aspectos perenes

e transitórios que a configuram (Pimentel & Nogueira, 2018). Nicolini (2009a) advoga que, para estudar as práticas sem as reduzir, é preciso realizar “[...] um duplo movimento de *zoom in* e *zoom out* da prática obtido pela troca de lentes teóricas e seguindo, ou afastando, as conexões entre as práticas” (Nicolini, 2009a, p. 1392).

Por meio do *zoom in* é possível, efetivamente, observar como ocorrem as práticas, capturar *insights* advindos delas, bem como ampliar a perspectiva sobre as práticas internas e suas variações, decorrentes da forma como os envolvidos praticam apoiados em significados, responsabilidades e regras atribuídas (Hui, 2013). Ao direcionar a análise para o desempenho das práticas, ou seja, a seus ditos e feitos (Nicolini, 2009b), busca-se acessar o comportamento observável (Spurling, McMeekin, Shove, Southerton, & Welch, 2013). Conforme recomenda Nicolini (2012), o *zoom in* deve ser considerado como o significado que os profissionais atribuem a uma prática específica, bem como o material e o conhecimento necessários para realizá-la.

Acerca da relação entre a prática e o praticante, Antonacopoulou e Pesqueux (2010) enfatizam que, para os praticantes, aprender a arte de praticar é um esforço permeado por aspectos emocionais, cognitivos, sociais e considerações políticas, que apresentam diferentes possibilidades tanto sobre como a prática deve envolvida quanto sobre a miríade de desempenhos factíveis de uma prática. Para esses autores, em essência, “[...]os praticantes tornam a sua prática o que é, em virtude do que fazem, que faz parte de quem eles são” (p.15). De acordo com Antonacopoulou e Pesqueux (2010), a variedade de desempenhos das práticas organizacionais soa como um lembrete útil de que qualquer desempenho particular não é menos importante do que energia, visão, paixões e suposições trazidas consigo pelos praticantes, individual e coletivamente, as quais influenciam de modo particular a forma como cada prática é aprendida, incorporada e transmitida.

O *zoom out* possibilita identificar as relações entre as práticas que persistem no tempo e no espaço sob outro olhar, explorando o papel dos arranjos externos que influenciam essas relações, partindo da perspectiva da prática principal (Nicolini, 2009a; 2009b, 2012). Segundo Nicolini (2009a), há três maneiras de analisar o *zoom out*: (1) seguindo intermediários; (2) seguindo as relações entre as práticas; (3) comparando *sites*. Ao concentrar-se nas relações entre as práticas, o *zoom out* procura conexões por meio do tempo e do espaço.

Seguindo essas orientações, conforme evidenciam achados empíricos (Kemmis, Edwards-Groves, Wilkinson, Hardy, 2012), observa-se como as redes de práticas e os arranjos externos à prática estão interligados, sendo influenciados por fatores culturais-discursivos, materiais-econômicos e preexistentes. É preciso trocar as lentes, utilizar, em certo momento, o *zoom in* e, em outro, o *zoom out*, obtendo uma visão tanto de dentro quanto de fora da unidade analisada (Nicolini, 2009a, 2012), como exposto no Quadro 1.



**Quadro 1:** Elementos de análise das práticas por meio do *zoom in* e *zoom out*

<b>Zoom in</b>	<b>Descrição</b>
Fazeres e dizeres	É possível entender a prática baseada em práticas discursivas e não discursivas, considerando regras, descrições formais, narrativas, tecnologias e outros artefatos.
Ordem interacional	Trata de como as práticas são ordenadas, como as regras são seguidas, negociadas, resistidas, e quais interesses coletivos são sustentados.
Tempo	A maneira que os fazeres e dizeres distribuem-se no tempo, os quais, mesmo sendo reproduzidos, possuem fragmentos singulares de cada praticante.
Movimentos corporais	O movimento corporal mistura-se ao discurso, dando sentido visível à prática, por meio de emoções, da mente e do corpo.
Artefatos	Podem ser físicos ou impalpáveis, entendidos como mediadores, posto que moldam as práticas. A cada espaço em que são utilizados podem gerar um resultado.
Preocupações práticas	O sentido da prática, a questão moral, o que leva as práticas a serem desenvolvidas de determinado modo são obtidos por meio do coletivo, como um padrão de conduta.
Tensão entre criatividade e normatividade	A criatividade de cada prática é limitada pela responsabilidade de aceitar os limites daquilo que pode ser feito e do que não pode. Existe tensão entre o impulso de desenvolver a prática de seu modo e os limites que fazem com que a prática seja reconhecida como tal.
Processos de legitimação e estabilização	Uma prática não reconhecida não pode ser uma prática social, pois o social é aquilo que a sustenta. A maneira de realizar uma prática precisa ser aprendida. Sua institucionalização advém de ferramentas e recursos mediadores, por meio do compartilhamento de habilidades similares e de preocupações responsáveis de outros praticantes, bem como do sentido de recursividade da prática.
<b>Zoom out</b>	<b>Descrição</b>
Conexões entre as atividades, como tais conexões formam nexos e quais são seus efeitos	As práticas estão sempre ligadas com outras práticas e pessoas, sendo realizadas por meio de relacionamentos e associações que formam uma textura de diversas práticas interligadas e mantidas por meio da materialidade e da imaterialidade. É preciso comparar como as práticas são desenvolvidas em diferentes ambientes, identificar seus efeitos, os quais podem ser globais, quando se consideram práticas com praticantes de outros lugares. A disseminação de uma nova prática pode impor mudanças, negociações e conflitos em uma textura de práticas já institucionalizadas.

Fonte: Elaborado com base em Nicolini (2009a) e Strati (2007).

Para propiciar compreensões mais dinâmicas, Gherardi (2000) propõe um quadro de análise interpretativo, os EBPs no qual o “*learning*” e o “*knowing*” (o aprender e o conhecer) recebem destaque. Assim, ao voltar-se para a prática coletiva da reciclagem, o lócus de análise é deslocado para a textura de práticas como produtora de um conhecimento *in situ*, permitindo capturar a complexidade da aprendizagem (Bispo & Cavalcante, 2019; Rozas, Resch, & Díaz-Molina, 2020; Silva & Figueiredo, 2020).

A interconectividade das práticas pressupõe que elas não acontecem de forma independente, pois sempre se encontram apoiadas por outras práticas, constituindo uma rede, um feixe, uma textura de práticas (Gherardi, 2006, 2012b). Pressupõe-se a reconstrução contínua, a existência da negociação de práticas, as quais vão se remodelando e formando uma tecitura (Gherardi, 2011; Nicolini *et al.*, 2003).

Segundo Gherardi (2009, 2012b), a organização, como uma composição de texturas de práticas, representa um espaço imaginário, composto por

indivíduos com ideias, projetos e emoções distintas, possibilitando que a prática se modifique cada vez que é performada. Emergem daí questões políticas, negociações, conflitos e a socialização dos indivíduos, os quais realizam trocas, considerando os diversos modos de entender e realizar as práticas. Por conseguinte, “[...]a textura de um campo específico de práticas é moldada pelos processos de alinhamento de elementos materiais, semióticos e normativos dentro do campo e os modos de alinhamento são o efeito da conexão local em ação” (Gherardi, 2012b, p. 160).

## ■ Procedimentos metodológicos

A presente pesquisa qualitativa, interpretativista (Angen, 2000) foi desenvolvida por meio de um estudo de caso qualitativo básico (Godoy, 2006). A unidade de análise foi a Associação Inova, que integra um projeto de reciclagem desenvolvido em uma cidade da região noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A Inova foi escolhida devido a seu caráter coletivo e transformador, cujo grupo revela anseios de emancipação e de mudança, visando ao crescimento do empreendimento. Essa associação destaca-se por apresentar uma estrutura organizacional diferenciada, que abre espaço para a horizontalidade dos processos e que propicia o desenvolvimento de práticas coletivas as quais fomentam seu desenvolvimento promissor, embora seja a mais recente dentre as associações pertencentes ao projeto.

A Associação Inova foi criada, em 2013, como parte de um projeto de reciclagem de uma Instituição de Ensino Superior (IES), que visa reciclar e destinar corretamente resíduos; promover trabalho e renda para indivíduos em vulnerabilidade social; contribuir com a equação de questões ambientais. O projeto firmou parcerias e arrecadou recursos para a construção da infraestrutura, bem como ofereceu uma equipe técnica para auxiliar a Associação. Tendo por base a autogestão, a associação é formada por dezoito recicladores, que trabalham nas atividades internas do galpão, e por oito recicladores, que recolhem material externamente, e utilizam do galpão para enfardá-lo.

A coleta de dados teve início em abril de 2017 e foi finalizada em abril de 2018. Ela envolveu o uso de técnicas etnográficas, com entrevistas em profundidade (Quadro 2) – apoiadas por um roteiro de entrevistas; análise de documentos – planilhas e estatuto; observação não participante – elaboração de um diário de campo. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas na íntegra, mantendo-se a fala original dos entrevistados, cujo nome de identificação, neste estudo, é fictício.

**Quadro 2:** Relação dos entrevistados

Entrevistado	Idade	Formação	Função	Duração da entrevista
Ana	52 anos	Ensino superior	Coordenadora do Projeto	2"40'
Bruna	58 anos	Ensino superior	Assistente Social do Projeto	1"26'42
Márcia	28 anos	Ensino fundamental incompleto	Recicladora	12'03
Bento	27 anos	Ensino fundamental incompleto	Reciclador – Presidente	2"05'25
Regina	32 anos	Ensino superior	Coordenadora do Projeto	58'33
Táís	31 anos	Ensino superior incompleto	Assistente Administrativo do Projeto	36'42
Larissa	61 anos	Ensino fundamental incompleto	Recicladora	42'55
Fabiola	31 anos	Ensino médio incompleto	Recicladora	23'01
Clara	38 anos	Ensino fundamental incompleto	Recicladora	13'48
Samanta	33 anos	Ensino fundamental incompleto	Recicladora	1"00'26

Fonte: Desenvolvido com base nos dados da pesquisa.

O roteiro foi adaptado a cada respondente no momento da entrevista, uma vez que as pesquisadoras foram adquirindo maior conhecimento sobre o campo e a forma de nele se inserirem. As anotações de campo foram registradas em documento Word o qual, ao final da coleta de dados, totalizou oito páginas. Esse procedimento do uso do word foi aplicado para organizar os dados e revisar e debater todas as informações registradas.

A fim de contribuir para o debate sobre a aprendizagem como *um knowing in practice*, este estudo faz uso das lentes analíticas de *zoom in* e *zoom out*, propostas por Nicolini (2012, 2009a, 2009b), de modo a revelar os elementos conceituais da prática do trabalho coletivo, a relação assumida com outras práticas e os efeitos produzidos (Gherardi, 2011). No movimento de *zoom in* propõe-se que, ao mergulhar na prática do trabalho coletivo enquanto ela está ocorrendo, é possível identificar e analisar seus elementos constituintes, expressos nos dizeres e fazeres da prática, os quais podem ser acessados pelas dimensões discursiva e material. O *zoom out* amplia a investigação ultrapassando os limites internos, possibilitando encontrar nexos que ligam a prática do trabalho coletivo a outras práticas, com o objetivo de entender as nuances que cercam o projeto social de reciclagem.

A coleta de dados findou quando se percebeu a saturação dos dados, os quais foram triangulados de acordo com as três técnicas utilizadas. Os dados foram tratados com base na análise textual interpretativa (Gómez, Flores, & Jiménez, 1996), com suporte da análise de *templates* (King, 2004). Definidos os *templates*, informações das transcrições das entrevistas, notas de observação, notas de campo e documentos de arquivo foram separados de acordo com as categorias identificadas. Cada entrevista realizada era ouvida novamente, transcrita e, posteriormente, analisada em conjunto com as notas de observação e de campo. Após isso, as pesquisadoras dedicaram-se a compreender os achados à luz do arcabouço teórico, tendo os processos de coleta e análise ocorridos em conjunto. Não foi adotado nenhum *software* para análise dos dados, sendo a codificação realizada conforme os elementos

que mais se destacavam nos dados, tendo em vista sua relação com o objetivo de pesquisa.

A análise dos dados concentrou-se na identificação de dois aspectos essenciais: o primeiro, busca conceber como a prática ocorre, com foco em suas micropáticas e suas variações (*zoom in*); o segundo, busca as conexões entre as práticas, pelo tempo e espaço (*zoom out*), conforme a lente analítica da prática proposta por Nicolini (2009a, 2012). A análise e a interpretação dos dados foram desenvolvidas por meio de um *template* construído segundo as categorias e os elementos de análise (Quadro 3).

**Quadro 3:** *Template final de análise*

<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>O fazer como prática na Associação Inova</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>Zoom in</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazer e dizeres</li> <li>• Ordem interacional</li> <li>• Artefatos</li> <li>• Preocupações práticas</li> <li>• Tensão entre criatividade e normatividade</li> <li>• Processos de legitimação e estabilização</li> </ul> </li> <li>• <i>Zoom out</i> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conexões entre as atividades, como formam nexos, quais seus efeitos</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul>
---

Fonte: Desenvolvido com base nos dados da pesquisa

## O fazer como prática na Associação Inova

Em concordância com os pressupostos teóricos dos EBPs, o fazer da prática do trabalho coletivo é entendido como o espaço em que os membros da Associação Inova obtêm conhecimento e/ou aprimoram o que sabem, produzindo, compartilhando e modificando constantemente a maneira de praticar, tal como sugere Gherardi (2018), ao afirmar que a prática envolve um padrão recorrente de ação.

Na subseção a seguir, são discutidas as práticas coletivas no momento de trabalho investigadas alternando-se as lentes teóricas – *zoom in* e *zoom out* (Nicolini, 2009a, 2012). Iniciando pelo *zoom in*, discutem-se as variações internas das práticas, incluindo elementos, aspectos espaço-temporais e sociais. Na sequência, a análise da prática por meio do *zoom out* permite uma visão mais ampla e abrangente da associação entre as práticas e como elas se mantêm unidas.

### *Zoom in*: um olhar mais apurado em vista das particularidades

O próprio modo de identificar cada elemento que permeia o *zoom in* acaba por se entrelaçar com outros, nem sempre seguindo uma ordem lógica,

visto que emergem do contexto. Ainda que uma atividade pareça trivial, como separar o que é resíduo do que é lixo, os significados intrínsecos que a cercam são capazes de produzir muito mais do que práticas de reciclagem, à medida que envolvem pessoas e seus sentidos e atitudes, possibilitando que cada prática gere algo totalmente singular e novo, tal como defende Gherardi (2012b).

O processo da reciclagem na Inova conecta diversas micropráticas – descarregar o material, pesar, separar/triar, classificar, enfardar, pesar, comercializar – que, ao se interconectarem, constroem o modo pelo qual pode ocorrer a prática da reciclagem. Assume-se o pressuposto que tais práticas envolvem o cotidiano, o social, o espacial e o temporal (De Certeau, 2014). Elas são construídas e vão se transformando, criando sentido para seus praticantes a partir de seu modo de fazer. Destaca-se que fazeres e dizeres, na prática do trabalho coletivo, incitam modificações durante o desenvolvimento das atividades de modo que, como observam Bussular e Antonello (2018), Feldman e Orlikowski (2011), Gherardi (2011, 2018), Nicolini (2009a) e Oliveira *et al.* (2016), a cada vez que a prática é (re)produzida, ela sofre variações decorrentes de interações, percepções e significados criados pelos praticantes.

A prática do descarregamento do caminhão ocorre quando o material é oriundo da coleta seletiva a cargo do projeto ou da prefeitura, requerendo que os recicladores limpem o veículo antes de ser feita a pesagem. O caminhão representa um artefato que auxilia o desenvolvimento da prática, sendo dotado de significado para os praticantes, conforme revela Larissa (Recicladora): “[...]varrer o caminhão, deixar ele limpinho, porque não é só pra nós que ele traz”. Tal entendimento vai ao encontro das notas de campo, por meio das quais são percebidas a colaboração e a preocupação durante a realização do processo de limpeza, a fim de colaborar com os demais envolvidos em um contexto social mais amplo.

A prática do descarregamento elucida sentido para o grupo que desenvolve a atividade de limpeza, uma vez que visa contribuir com as outras associações do projeto no desenvolvimento da localidade, tal como assegura o estatuto da Inova. A prática de descarregar o material segue um ordenamento de regras, entre as quais está a limpeza do caminhão, que é negociada e ressignificada pelos indivíduos que desempenham a prática, correspondendo ao que argumentam Nicolini (2009a) e Gherardi (2012b) sobre o fato de serem as preocupações práticas permeadas e organizadas por entendimentos comuns, o que assegura que os recicladores realizem aquilo que tem sentido fazer. Tal prática foi confirmada nas entrevistas e nas notas de campo, que revelam a percepção comum de que estão envolvidos em um projeto e devem criar formas de melhorar suas práticas de trabalho e contribuir com os demais envolvidos.

Em relação à prática de pesagem do material, Taís (assistente administrativo do projeto) explica que ela não se limita a um processo burocrático, dado que envolve a contribuição de cada parceiro, podendo impactar tanto o projeto como cada fornecedor do material. Identificam-se diversos artefatos nessa prática – uso da caneta, da balança, do caderno por exemplo –, os quais oferecem recurso para a geração e o desenvolvimento

da prática, como propõem Nicolini (2009a) e Strati (2007). Entende-se aqui que os artefatos são um 'ser-em-uso', tal qual exposto por Strati (2007), dado que estão integrados no curso da ação das micropráticas para tornar possível elaborar a prática da reciclagem.

Destaca-se o posicionamento resistente dos recicladores em relação ao modo como a prática realmente é feita e como deveria ser feita, à medida que preferem ir para separação/triagem do material, contrariando os fazeres e os dizeres que, segundo Nicolini (2009a), guiam e orientam o ordenamento das práticas institucionalizadas. Pelas observações, confirmou-se certa resistência em que alguns procedimentos parecem ir contra o desejo individual dos recicladores. Emerge, portanto, a tensão entre a criatividade e a normatividade, expressas segundo o desenvolvimento de atividades conforme uma ordem predefinida (Nicolini, 2009a) ou pelo desejo de desenvolvê-la ao seu modo, que, neste caso, seria a não realização da prática. Há aqui um entendimento criado pelo grupo, em que a prática não possui relevância significativa e leva a dispendem tempo sem necessidade.

Na separação/triagem, a utilização de um *bag* e um saco de lixo como artefatos (Nicolini, 2009a; Strati, 2007) auxilia os recicladores durante a prática de separar o material para poder depositá-los no local correspondente e manter a organização do ambiente, tal como explica Márcia (recicladora): “Quando chega doação pega um *bag*, né, cada um faz a sua separação, e depois amarra os lixo e varre onde que sujou pra sempre deixa lá embaixo limpo para os enfardadores”. Entende-se que há um saber-fazer presente no desenvolvimento do trabalho, o qual trata-se de uma produção contínua que cria forma e altera-se com base na percepção dos praticantes (Bussular & Antonello, 2018; Feldman & Orlikowski, 2011; Oliveira *et al.*, 2016). Sendo assim, a ordem a ser seguida pela prática indica que a manutenção do espaço limpo faz sentido para os recicladores (Gherardi, 2012b; Nicolini, 2009a). A rotina no desenvolvimento das práticas de separação/triagem, classificação e enfardamento sofre adequações de acordo com a dinâmica do cotidiano de trabalho, tal como expressam os estudos de e Corradi *et al.* (2010) e Santos e Cassandre (2017), evidenciando a negociação da ordem pelos recicladores conforme o impacto de suas ações. Segundo Samanta (recicladora), em um dia é feita a separação/triagem e a classificação do material e, no outro, o enfardamento. Tais achados corroboram o pensamento de Nicolini (2009a), pois a informalidade é organizada em meio à formalidade das práticas, pela reorganização da ordem.

Pontua-se que as preocupações práticas se destacam na classificação, a qual envolve a retirada do material armazenado nos *bags* durante a triagem, para que sejam rearmazenados em novos *bags* de acordo com seu tipo, como relata Larissa (recicladora): “Separa então a sacolinha, o papelão e o cristal noira, cada um no seu *bag*”. Percebe-se aqui, que o uso do artefato *bag* dá sentido à prática desenvolvida (Nicolini, 2009a; Strati, 2007), posto ser ele necessário para a realocação dos materiais. Na sequência, os materiais são direcionados à prensa para que seja feito o enfardamento e, posteriormente, passada a rafia – fita para fechar o fardo – como explica Clara (recicladora): “A gente prensa, pet é pet, sacolinha com sacolinha, é tudo bem-organizado, nada fora do padrão”. Identificou-se, pelas

observações, que os recicladores mais antigos têm grande facilidade para realizar a microprática, enquanto para os novos isso representa um desafio até se acostumarem com os procedimentos padrões. Entende-se que o próprio formato da associação, devido a seu caráter flexível, faz com que os novos integrantes se sintam livres para optar pela maneira de trabalhar, o que, no entanto, pode prejudicar a dinâmica de práticas já estabelecidas. Observa-se que há preocupação em desenvolver as atividades, de modo a conservar o equilíbrio entre as práticas que podem ser modificadas e as que devem ser mantidas, respeitando o modo de praticar sustentado por significados, responsabilidades e regras (Hui, 2013).

Os artefatos dão suporte às micropráticas desde o início de seu desenvolvimento, por exemplo, na prática de pesagem dos materiais, de acordo com as regras negociadas pelo grupo, um *bag* não pode ter mais de 80 quilos, como revela Bruna (assistente social do projeto): “(...) porque já chegaram a fazer fardo de cem e poucos quilos, isso não é saudável”. Pela prática diária, os recicladores vão adquirindo a noção da quantidade de material a ser adicionado, de modo que o limite de peso indica o elo entre as práticas de pesagem e de comercialização. Coelho e Godoy (2011) reforçam que o formato de trabalho de um empreendimento, espaço para diversas interações, é um processo e não um produto, sendo construído e produzido pela aprendizagem da coletividade. Percebe-se a congruência com o argumento de Strati (2007), o qual explica que, para estudar a prática, é preciso reconhecer os elementos constituintes das interações – saber e fazer. Nesse espaço, pode-se identificar a troca de informações entre o projeto e a associação, o que amplia o saber dos recicladores por oferecer informações relevantes tanto sobre suas práticas quanto relativas à sua saúde.

Identificou-se que os recicladores buscam transmitir o conhecimento pela interação, em conversas informais durante a própria prática, conforme menciona Bento (reciclador - presidente): “A gente também procura conversa sobre algumas instruções que uns sabem mais, outros sabem menos, se tem alguma dificuldade a gente acaba discutindo entre o grupo”. Pelas observações, percebe-se que o grupo conversa durante as atividades, envolvendo tanto assuntos relacionados ao trabalho – dúvidas ou ideias para a realização das atividades – quanto à vida pessoal. No estatuto, está registrado o caráter colaborativo e participativo que deve haver no contexto da reciclagem. Neste meio, os fazeres e os dizeres, bem como a ordem das atividades, dissolvem-se no coletivo, pois como seres sociais, eles agem conforme pressupostos comuns, para que seus feitos corroborem os de outros (Gherardi, 2012b; Nicolini, 2009a). Percebe-se igualmente a rede informal que permeia o trabalho dos recicladores, a qual fomenta a aprendizagem coletiva pelas interações (Oliveira, Mozzato, & Colet, 2016), construindo um espaço de informalidade em que o fazer passa a conter sentidos afetivos, pois aquilo que se faz congrega o grupo e leva a entender o espaço como algo desenvolvido por práticas coletivas (Santos & Cassandre, 2017).

As práticas são compartilhadas entre os indivíduos em meio à produção e à reprodução coletivas, promovendo o aprendizado contínuo (Gherardi,

2006, 2012b), como evidencia Bento (reciclador – presidente): “Tem uns que têm a facilidade de trabalha com os maquinários, têm outros que têm facilidade de trabalha na separação (...) então existe (...) esse acordo entre o grupo”. Percebe-se a preocupação sobre como agir em consonância com uma dinâmica coletiva, em que as práticas desenvolvidas devem fazer sentido para todos (Nicolini, 2009a). Observa-se aqui um espaço aberto, que elucida o formato da associação, pois o trabalho é dividido e os indivíduos realocam-se conforme percebem a necessidade, criando um espaço de movimento e transformação incessantes, pelo qual o conhecimento e a aprendizagem são constituídos, tal como observado por Boas e Cassandre (2018). Bento (reciclador – presidente) reforça:

[...] ah ele renda mais, melhor lá naquele trabalho, então vamo deixa ele lá. O grupo todo concordava, fazia aquele serviço. Ah, aquele de separação ele rende mais, ou ela rende mais, também... entrava em conversa com o grupo e fazia aquele serviço.

As práticas são impactadas pela habilidade dos recicladores, pois o trabalho é dividido consoante a *expertise* dos indivíduos, o que modifica o desenvolvimento das micropráticas, no sentido de responsabilidades, e seu modo de fazer, pois cada reciclador reflete o seu fazer em prática (Gallon *et al.*, 2016). A divisão do trabalho deriva da interação entre as pessoas, a qual se desdobra ao longo do tempo e constitui o trabalho como um produto coletivo e emergente (Gherardi, 2012b). Nesse ponto, o *knowing in practice*, revelado pelo conhecimento que ocorre por meio do próprio fazer, é aprimorado, contínuo e temporário como um saber e um fazer indissociáveis (Gherardi, 2011, 2012b). Os artefatos identificados por meio das observações mostram-se relevantes para que as atividades possam ser desenvolvidas e seguidas de modo eficiente, pois, caso eles não existam no momento da prática, o resultado provavelmente será diferenciado ou, talvez, a prática não possa ser feita. Por exemplo, a balança serve de parâmetro para que os recicladores obtenham informações sobre a quantidade de material arrecadado pelos parceiros, contudo, não afeta o trabalho em si. Segundo Strati (2007), tal situação revela a presença de um artefato marginal, que não é entendido como essencial, pois alguns recicladores não percebem sua relevância ou necessidade para auxiliar o desenvolvimento das micropráticas de trabalho.

A prática da pesagem dos fardos permite aos recicladores guiarem-se em relação ao peso total de todos os fardos a serem vendidos. Sem esse artefato os recicladores não saberiam, ao certo, quanto de material estariam vendendo e isso poderia acarretar desvantagem em relação ao comprador. A combinação inteligível de ações e artefatos (balanças e fardos) (Pimentel & Nogueira, 2018) gera uma orientação comum que permite que a prática de pesagem seja realizada. De modo similar, os *bags* auxiliam o desenvolvimento das práticas, mas sua ausência não interrompe a realização. As práticas de classificação do material permitem alocar, de maneira mais ágil, os materiais em seus respectivos locais. Todavia, sua ausência não impossibilita a prática, posto que ela poderá ser realizada caso haja outro lugar para depositar os materiais.

A prensa, além de intermediar a prática de prensagem do material, é essencial para o desenvolvimento da prática, pois sem sua mediação



não seria possível enfardar o material para venda, gerando impacto direto na realização da prática do trabalho coletivo de reciclagem. Entendem-se os artefatos como mediadores das práticas, posto que facilitam seu desenvolvimento e podem ser utilizados de forma diferente a cada fazer de um indivíduo (Gherardi, 2006; Nicolini, 2009a). Os fardos configuram-se como o ponto final da prática principal, se não houver fardos prontos, não haverá como comercializar os materiais, pois, após serem prensados, os materiais são amarrados com fitas, finalizando os fardos para a venda.

Evidenciou-se que alguns recicladores têm maior facilidade para utilizar os artefatos, o que influencia a realização das práticas, visto que há equilíbrio, em termos de criatividade e de normatividade, frente a possibilidade de agir de forma diferente. É preciso que as práticas sejam performadas segundo um *continuum* que assegure melhores resultados. Arelado a isso, alguns buscam realizar de modo diferente suas práticas, não sendo somente algo que ocorre inconscientemente,

Dos primeiros fardos que eu fiz, eu fiz de uma forma que nem o papel, o papel eu pegava ele com as mãos né, com as mãos e colocava dentro da prensa. Com o tempo, depois eu fui fazendo, fiz esse trabalho, tu coloca, enche de... retira um material do bag, põe dentro da prensa, prensa ele, sobe a máquina de novo, põe mais papel, prensa de novo, então eu tava fazendo um serviço que eu poderia fazer mais rápido, usando outro instrumento. Então eu procurei um balde, né, então de concha e concha com a mão, né, eu colocava dentro da prensa, então eu utilizei um balde, colocava o balde dentro do bag, enchia o balde até as boca, virava dentro da prensa. Meu trabalho assim, cinquenta por cento melhor, cinquenta por cento mais rápido, cinquenta por cento mais ágil, né. Então foi esse modo que eu achei melhor, então eu fiz o trabalho que eu teria que fazer em mais tempo, usando um método que eu mesmo vi que era melhor, usando um balde que nem eu te falei antes, reduzi a confecção daquele fardo na metade do tempo. Então, sabendo que eu teria mais fardo pra fazer, eu fiz mais fardos em um dia, né, fazendo daquela forma que eu encontrei, sendo que ia demorar mais e ia produzir menos daquela outra forma que eu executei o serviço (Bento, reciclador - presidente).

Consubstancia-se o achado com o exposto por Feldman e Orlikowski (2011), Oliveira *et al.* (2016) e Bussular e Antonello (2018), pois se percebe que o fazer emerge da produção que se modifica com base nas ações dos praticantes, isto é, há o aprimoramento da prática que se dá em ação, cada vez que é reproduzida, evidenciando seu caráter contínuo. A inovação em realizar a atividade na prensa elucidada o processo de *knowing in practice*, por meio do aprimoramento de cada prática desenvolvida pelo suporte de um artefato (Gherardi, 2011; Nicolini *et al.*, 2003) e norteadas pelo ordenamento legitimado que a prática precisa apresentar para atingir seu propósito e fazer sentido (Nicolini, 2009a). A prática depende da percepção de cada indivíduo e de sua capacidade de controlar e influenciar tanto a situação quanto o contexto em que é desenvolvida, pois uma mudança individual pode afetar a coletividade (Gherardi, 2012b). Sobre o papel da criatividade e a tensão decorrente da prática, Fabíola (recicladora) explica:

Nós tinha caxinha de leite pra enfarda né, e daí elas tavam molhada que sobre os resto dos creme né, que vem da empresa daí vem de bastante né, e pra nós enfarda com as mão não dava, tava um cheiro já forte. Daí botemo luva, mas daí resbala né, que tá molhado, eu disse eu e o colega, vamo pega uns balde pra nós se mais rápido.

Os balde não dava certo, eu digo tu vai com o balde eu vô achá alguma coisa melhor pra mim, mais rápido do que eu acho que vô mais rápido né. Peguei um saco e botava dentro do saco e só despejava na prensa, foi o mais rápido que eu consegui né, daí eu enchia pro colega, enchia aquela minha bolsa dava pro colega despeja que ele tava mais perto da prensa, enquanto ele despejava minha bolsa eu enchia o balde dele, pra nós se mais rápido dali né. Então o próprio horário do trabalho ali tu já descobriu uma outra forma... Sim... sim, ai depois daí, quando veio as colega nova eu disse pras colega nova né., assim vocês vão demora mais, daí eu peguei um saco, o colega pego um balde, quando o colega despejava no saco a gente, eu enchia o balde dele né. Daí umas querem tenta faze do jeito que a gente aprendeu ali né, que é uma forma nova, mas outros não.

Percebe-se a questão da autonomia e da criatividade dos recicladores, os quais desenvolveram um novo modo de fazer para otimizar as atividades. Como explicam Gherardi e Rodeschini (2015), uma prática pode ser refinada pela análise de como ela é realizada ou se poderia vir a ser realizada. O *knowing in practice* resulta de interações, sendo temporário e mediado por artefatos (Gherardi, 2006; Nicolini *et al.*, 2003), compreendido não apenas por meio do 'quê' e do 'como', mas pelo contexto que envolve e influencia a reprodução da prática (Gherardi, 2012a).

Identifica-se aqui um processo de legitimação e estabilização, pois para ser ressignificada, a prática precisa ser compartilhada e legitimada pelos praticantes, adquirindo caráter social, caso contrário, determinado conjunto de atividades que fazem parte de certo modo de fazer não será reconhecido como prática social, o que, segundo Gherardi (2009, 2011), impede que o aprendizado seja disseminado no grupo por meio das práticas coletivas. Gallon *et al.* (2016) pontuam que cada praticante terá seu modo de fazer e isso vai gerar impacto na prática, tal como se evidencia na fala de Fabíola (Recicladora): "Quando chego na parte dos novos, (...) eles fizeram do jeitinho deles (...) conseguiram termina (...) mas demoraram mais".

Há recicladores que não têm interesse em aprimorar o modo de fazer, visto que sentem receio de modificar a maneira rotineira de realizarem suas práticas. Conforme Clara (recicladora): "É assim que eu faço (...), nunca pensei em muda (...) porque (...) é o meu ritmo. Se eu for muda (...) eu acho que eu não consigo". A prática possui um ordenamento sustentado e legitimado pela recicladora, a qual não possibilita que ele seja modificado. Uma prática precisa ser institucionalizada antes de aprimorada, assegurando que o modo de os participantes do grupo agirem persiga o mesmo propósito, conforme as habilidades e as preocupações práticas sustentadas pela coletividade, sendo os artefatos reconhecidos como meio para realizar a prática (Nicolini, 2009a). O modo de praticar criado pelos recicladores não foi legitimado, fazendo com que a prática não fosse estabilizada, pois o grupo não a reconhece nem concorda que deva ser desenvolvida como é – prática que não é social. Segundo Nicolini (2009a), isso demonstra não haver interesse de agir de modo similar, nem de utilizar os mesmos artefatos.

O aprendizado ocorre na troca ou na permanência de atividades, uma vez que, no momento de trabalho, nem todas as práticas relacionadas ao processo da reciclagem são estabilizadas. Isso envolve uma textura de práticas que engloba diversos aspectos influenciadores, os quais são abordados na sequência deste estudo. Conforme Nicolini (2009a), desvia-se a atenção da

própria prática para uma textura da conexão, a qual carece da ampliação do *zoom out* para verificar o campo em que estão sendo realizadas.

### *Zoom out*: um olhar mais afastado em vista da interconexão das particularidades

As conexões da prática principal – prática do trabalho coletivo –, só podem ser compreendidas considerando-se como as outras práticas do complexo conectam-se para formar uma rede mais ampla de práticas, concentrando-se na forma como elas estão conectadas e são formadas por outras configurações. Em continuidade, demonstra-se como a textura das diversas micropráticas conectam-se e formam a prática da reciclagem na Associação Inova, isto é, analisam-se as práticas sob uma ótica mais distante, compreendendo-as em sua totalidade.

A fim de identificar as conexões entre as atividades, como tais conexões formam nexos e quais são seus efeitos, compreendeu-se, com alicerce em Gherardi (2012b), que a textura da Inova envolve aspectos individuais, coletivos, organizacionais, interorganizacionais e institucionais. A questão individual reside no aprendizado de cada reciclador, em como ele realiza suas práticas e considera ou não as práticas já institucionalizadas. Em relação ao coletivo, compreende o grupo e o modo como realiza as práticas por meio dos fazeres, da ordem, dos artefatos, das preocupações práticas, das tensões, das legitimações práticas. O organizacional manifesta-se por meio do projeto e dos compradores, os quais têm interferência na Inova, ocorrendo também o inverso. Nos reflexos interorganizacionais, identificam-se a participação em eventos e o modo como as associações conduzem suas práticas no momento de trabalho. A questão institucional reflete-se em regulamentos e leis que podem impactar os espaços de reciclagem.

Em concordância com o entendimento de que as práticas estão interconectadas em uma rede que tanto influencia quanto é influenciada pelas diversas práticas, o *knowing in practice* adquire um significado mais definido, as diversas práticas que vão sendo construídas e aprimoradas concretizam uma conexão constituída como uma textura de práticas, tal qual argumenta Gherardi (2006, 2009, 2012b). O modo de desenvolver as práticas coletivas na Inova está em constante construção, os recicladores aprendem a cada nova prática, como relata Bento (reciclador – presidente) sobre a separação do material: “Quando o material chega na associação a gente tem que fazer a separação (...), aprendi bem rápido e no dia de hoje eu já sei tudo que é e o que não é reutilizado pra nós”. Na prática de separação, é fundamental que os recicladores aprendam quais são os materiais recicláveis, pois devido à sua conexão com a prática da comercialização, ambas se influenciam pelo processo de saber fazer (Gherardi, 2006, 2012b). Caso o reciclador realize a prática de separação de modo errado, haverá prejuízos à prática de comercialização, posto que o comprador não aceitará o material.

Identificou-se, em meio a isso, que, quando chega um novo reciclador, ele normalmente trabalha em conjunto com alguém mais antigo, a fim de desenvolver as práticas de modo o mais similar possível. Tais achados reforçam o defendido por Oliveira *et al.* (2016) e Sawitzki e Antonello (2014),

que compreendem a aprendizagem como um reflexo do grupo, por meio de suas práticas.

A informalidade, a cooperação e a improvisação auxiliam tanto a produção de uma prática quanto seu aprendizado (Sawitzki & Antonello, 2014), como expressou Samanta (recicladora): “Se entra uma colega nova a gente tenta ensinar ela desde o começo, pra ela fazer direitinho”. As práticas são reconhecidas, sustentadas e negociadas, orientando-se por modos de fazer legitimados, possibilitando que seus efeitos ultrapassem fatores que relacionam somente o coletivo (Corradi *et al.*, 2010; Gherardi, 2012b). Mesmo que os recicladores apresentem pouco conhecimento sobre como realizar as atividades na Inova, a prática cotidiana tem proporcionado avanços, pois promove muitas possibilidades de aprendizagem, conforme Larissa (recicladora) mencionou: “Todo dia tu aprende e daí tu qué sabe mais, porque com certeza virão outras coisas, que tu quer aprender”.

A prática vai se refinando e passando por ressignificações por meio dos fazeres e dos dizeres (Gherardi, 2011; Nicolini, 2009a), fruto da tensão entre o que podem fazer diferente, dentro dos limites do grupo, a partir de um *knowing* que é relacional, dinâmico e provisório, assim como evidenciam os achados de Bussular e Antonello (2018). Tal entendimento corrobora o defendido por Avila e Antonello (2016), Nicolini *et al.* (2003) e Gherardi (2006, 2011, 2012a, 2012b), uma vez que o aprendizado por meio do *knowing in practice* é sustentado pela interação e pela negociação, sendo construído, a cada dia, em um processo contínuo, temporário e mediado por artefatos. Verificou-se que o aprendizado na Inova ocorre tanto pela experiência individual, da interação entre o grupo, das práticas de reciclagem e gestão (baseado no estatuto), quanto nos eventos proporcionados pelo projeto e pelo suporte da equipe técnica. Relacionado a isso, Regina (coordenadora do projeto) explicitou:

Existe um aprendizado muito em cima da prática. Não adianta ir lá com conhecimentos teóricos porque muitas vezes eles não são entendidos pela forma técnica como são passados, e muitas vezes eles não são assimilados. Agora quando tu começa a vivenciar, e a resolver esses conflitos, eles geram aprendizagem dentro do processo da associação (...). Eles aprendem com seus próprios desafios (...) e vão se especializando, (...) se lapidando dentro das suas funções a partir do aprendizado que eles têm, na vivência que eles têm.

Devido a um conjunto de fatores, o *knowing in practice* é desenvolvido pelos indivíduos a seu modo, com base em um ordenamento definido, que orienta o quanto se pode modificar uma prática. O fazer não se torna, portanto, uma atividade desenvolvida de forma repetitiva, há um repertório sustentado, o qual os sujeitos seguem e adaptam a seu modo de fazer (Nicolini, 2009a), tal como expõe Bento (reciclador – presidente): “Não tem como eu te fala (...) tu tem que separa o papel esse, o papel aquele”, então tu vai te que aprende na prática mesmo. Ali junto ao montante (...) ali mesmo a gente dá as instruções”. Na dinâmica diária, as práticas vão sendo construídas e reconstruídas, por meio de um processo flexível e coletivo.

Tal achado corrobora Gallon *et al.* (2016), que defendem que o aprendizado advém não somente do extenso estudo, mas da própria prática dos indivíduos, podendo ser algo aprendido, ensinado e que se modifica a cada prática, refinada ao longo do tempo. Observa-se que há uma ordem

para desenvolver as atividades, a qual é negociada e transmitida pelos recicladores por meio dos fazeres e dos dizeres, havendo espaço para a adaptarem a seu modo (Nicolini, 2009a). Para Fabíola (recicladora) “[...]é na prática, ou a gente vê o colega, ou não sabe (...) assim que a gente aprende”. Essa negociação e a interação no momento da prática podem ser entendidas como uma forma de obter e aprimorar o conhecimento, porque a própria negociação acaba por proporcionar diversidade de saberes. Avila e Antonello (2016) advogam que a flexibilidade e a autonomia de um grupo podem se refletir em aprendizagem, posto que o *knowing in practice* é um processo de construção e reconstrução da prática cotidiana que oportuniza novos modos de fazer. A prática principal é desenvolvida e refinada pela relação entre práticas e indivíduos, tal como revela Bento (reciclador – presidente):

A forma é fazendo. Porque tu tens que fazer pra ti aprende se tu não sabe (...). Tu tem que ouvir e fazer (...) porque se tu fizer, vai tá errado a outra pessoa vai te fala, então aquilo ali tu não vai fazer mais (...) porque alguém te chamou a atenção e disse que aquilo dali é errado, então tu tem que fazer o serviço certo, então é o ouvir e fazer.

Ana (coordenadora do projeto) comentou sobre o modo como perceberam que os recicladores aprendem, destacando: “A gente observou que capacitando os recicladores como alunos, em forma de sala de aula, eles tinham poucos resultados. Na verdade, eles aprendem na prática mesmo”. Isso evidencia um aprendizado baseado no fazer de cada prática, como um processo contínuo. Consoante tal ideia, Bento (reciclador – presidente) relatou:

[...] não tem como tu chega assim, que nem nós estamos conversando aqui, eu te fala né, fala, eu te fala por exemplo, eu to lá há mais tempo, eu já sei como faz a separação e tu chego hoje lá, tu quer aprende, não tem como eu te fala aqui de boca pra ti, ah tu tem que separa o papel esse, o papel aquele, então tu vai te que aprende na prática mesmo. Ali junto ao montante do material, e ali mesmo a gente dá as instruções, tu vai que nem, tu vai erra alguma coisa que nem eu falei, é errando que a gente aprende, que depois tenho certeza que na outra semana tu vai já vai tá craque na separação que nem a gente fala lá.

Antonacopoulou e Pesqueux (2010) explicam que os praticantes refletem a prática como uma virtude do que fazem, com apoio naquilo que eles são, permeados por aspectos emocionais, cognitivos, sociais e considerações políticas. A construção de vida de cada reciclador também interfere no modo como aprendem e naquilo que faz sentido desenvolverem em suas práticas, consoante seu modo de ser. As práticas constituem-se como conjuntos de fazeres (*doing*) e de dizeres (*sayings*), organizados de forma a fazer sentido para o praticante (Nicolini & Monteiro, 2017), destacando a prática principal como heterogênea, visto que é desenvolvida e aprimorada cada vez que é produzida e reproduzida (Gherardi, 2006). Constata-se, então, que as interações estabelecidas em meio a rede mais ampla de práticas ocasionam o aprimoramento da prática coletiva, a qual não é estática, pois a cada novo fazer a produção e a reprodução das micropráticas que a constituem sofrem modificações, por isso o entendimento de aprendizagem como construção contínua.

A forma como o grupo produz as atividades é um ponto que facilita o aprendizado, posto que, ao negociarem entre si, vão dividindo, com base na autonomia e na responsabilidade de cada um. Samanta (recicladora)

relata: “Hoje eu vô pra prensa, eu decido, e daí outros vão lá e separam, todo mundo aprende faze o que o outro sabe”. Observa-se que a autonomia para escolher as atividades ancora-se na formação do grupo e da rede de práticas, em que as escolhas buscam favorecer o desenvolvimento.

Evidenciou-se que, ao longo do tempo, os recicladores identificaram novas oportunidades, como a possibilidade de venda da carga diretamente para as indústrias, como menciona Larissa (recicladora): “A gente espera que futuramente, nós possa vende direto pra fábrica”. Todavia, a criação de uma nova prática de comercialização requer um trabalho coletivo com outras associações, demandando o reconhecimento pelos recicladores por meio de um fazer sentido. Tal achado contrapõe a ideia de crescimento comum do projeto, pois demonstra que tal pressuposto não é um objetivo de todas as associações. Embora as relações externas promovam maior aprendizado e acréscimo na renda (Oliveira *et al.*, 2016), a ressignificação de práticas institucionalizadas implica negociações entre a coletividade, o que pode gerar conflitos (Nicolini, 2009a).

A inovação no controle dos fardos pela ação de anotar em cada fardo que é finalizado a letra inicial do nome do reciclador, para permitir identificar o responsável pela prática, configura uma mudança legitimada por todo o grupo, permitindo a ressignificação da prática. Para Nicolini (2009a), uma prática tem caráter temporário por ser passível de negociação entre os praticantes, de modo que sua manutenção depende do significado que o coletivo assume como correto. A textura das práticas é percebida entre a experiência que os recicladores possuíam e a preocupação com a prática, levando-os a agir com responsabilidade e também a requerê-la dos compradores. Eles utilizaram o aprendizado que carregavam e, conjuntamente, propuseram uma nova prática (Gherardi, 2006, 2012b) em relação ao fazer anterior e posterior à prática de pesagem – venda e a confirmação de que ela fora correta.

A constante modificação das práticas é revelada pelas exigências dos compradores, requerendo a adaptação dos recicladores, interligando as práticas de separação e comercialização (Gherardi, 2006, 2012b), tal como explica Fabíola (recicladora): “Coisa que ia no papelão, agora não vai mais (...) sempre tá mudando”. A transmissão de uma nova prática pode requerer mudanças e negociações, tendo em vista a textura de práticas já institucionalizadas e reconhecidas pelos praticantes (Gherardi, 2006, 2012b; Nicolini, 2009a). Destaca-se que a participação dos recicladores em eventos – fóruns de sustentabilidade – desencadeou mudanças nas práticas, pois a aquisição de novos conhecimentos levou o grupo a negociar novas maneiras de realizar as práticas, visando aprimorar seus fazeres e seus dizeres, especialmente pela interação com outros recicladores.

Gherardi (2006, 2012b) e Nicolini (2009a) defendem que as práticas possuem diversas ramificações, isto é, diversas práticas conectam-se, possibilitando que o fazer de um praticante afete o modo de fazer do coletivo, gerando negociações e modificando práticas institucionalizadas. As práticas na Inova são desenvolvidas com base em uma preocupação prática, devido à textura que interliga questões morais dos indivíduos, ressignificando as práticas a partir de um padrão de conduta. A reprodução das práticas que são aprendidas e produzidas possuem diversas interligações, por exemplo, com a experiência individual, do grupo, do projeto; com as exigências dos

compradores; com o modo como a reciclagem é desenvolvida em outras associações; com os conhecimentos compartilhados em eventos ou notícias.

Tais aspectos tanto afetam quanto são afetados por cada reprodução, pois, pela prática, ocorrem as interações entre os indivíduos (Nicolini, 2009a; Nicolini *et al.*, 2003; Reckwitz, 2002), possibilitando que o modo como ela é performada na Inova possa ser institucionalizado em outro espaço de reciclagem. Os recicladores agem ancorados na coletividade, guiados por preocupações práticas, buscando realizar ações que beneficiem o coletivo – seres sociais que pertencem a um grupo. O Quadro 4 sintetiza as principais evidências do estudo.

**Quadro 4:** Síntese das principais evidências através da lente do zoom in e zoom out

<b>Zoom in</b>	<b>Evidências</b>
Fazer e dizeres	Dissolvem-se na experiência de práticas já aprendidas e produzidas pelos indivíduos, como os processos da reciclagem, que são adaptados pelos praticantes. Existe um padrão a ser seguido, o qual nem sempre o é. O grupo aprende por meio de fazer e dizeres, isto é, pela interação, bem como pelo próprio ato de fazer.
Ordem interacional	Existe uma ordem formal de como fazer o processo da reciclagem, o qual, a cada dia, é negociado informalmente entre os indivíduos. Tal ordem nem sempre é seguida, devido à resistência do grupo. O próprio aprendizado do grupo é resultado de interações, em que há negociações de como desenvolver as práticas, sustentando interesses coletivos.
Artefatos	O material reciclável, as vassouras para limpeza, a balança para pesagem, a cadeira para a atividade da reciclagem, os <i>bags</i> são exemplos de artefatos que fazem parte das práticas. Caso não houvesse tais meios, as práticas seriam realizadas de modos diferentes ou, por vezes, nem sequer seriam praticadas.
Preocupações práticas	São práticas sustentadas pelo coletivo, em que os indivíduos agem com base no que faz sentido fazer. Por isso, a questão da limpeza do caminhão para as outras associações e para os integrantes da Inova, bem como o modo de aprendizado, que ocorre por meio de interações e da autonomia dos indivíduos, os quais devem se apoiar no coletivo.
Tensão entre criatividade e normatividade	Há preocupação sobre o modo de realizar uma prática que não afete o grupo, mas que seja diferente e adaptado, a fim de desenvolver a atividade mais rapidamente. O grupo possui autonomia e flexibilidade para tal, desde que não prejudique a coletividade.
Processos de legitimação e estabilização	Existe estabilidade nos processos de fazer a reciclagem, mas as ações internas são instáveis e, por vezes, não reconhecidas pelo grupo. Há dificuldade de sustentar uma nova prática, pois acreditam que as práticas já sustentadas são o melhor modo de fazer, o que acarreta diferentes maneiras de realizar as práticas, formando um compilado de diversas maneiras de realizar as atividades.
<b>Zoom out</b>	<b>Evidências</b>
Conexões entre as atividades, como tais conexões formam nexos e quais são os seus efeitos	A textura que envolve a Inova é baseada na experiência individual de cada reciclador; no grupo; no projeto; nas exigências dos compradores; no modo como a reciclagem é desenvolvida em outras associações; naquilo que os sujeitos percebem nos eventos de que participam e por meio de notícias. Essas ligações tanto influenciam quanto podem ser influenciadas, pois o descuido ao realizar a reciclagem pode causar um impacto na hora de o comprador destinar a carga vendida, prejudicando a Inova. O aprimoramento de uma prática, quando se torna institucionalizada, pode contribuir com outras associações de reciclagem. A textura carrega aspectos que abrangem do individual ao institucional, posto que a forma de um reciclador atuar interfere no desenvolvimento das atividades da Inova, assim como uma nova lei em relação à reciclagem pode modificar o modo correto de fazê-la.

Fonte: Desenvolvido com base nos dados da pesquisa

Ressalta-se que a alternância de lentes propiciada pelo *zoom in* e *zoom out* fornece subsídios para que se compreendam as profundas relações existentes nas práticas, a fim de se visualizar e compreender a constituição da textura existente. As práticas identificadas por meio do *zoom in* evidenciam a aprendizagem e a (re)produção das práticas. Por meio do *zoom out*, percebe-se que as práticas se entrelaçam e formam uma textura de diversas práticas, demonstrando a reprodução que ocorre, alicerçada no que foi aprendido e produzido, formando uma interconexão de práticas e relações sociomateriais que estão presentes no grupo de trabalho, conforme exposto na Figura 1.

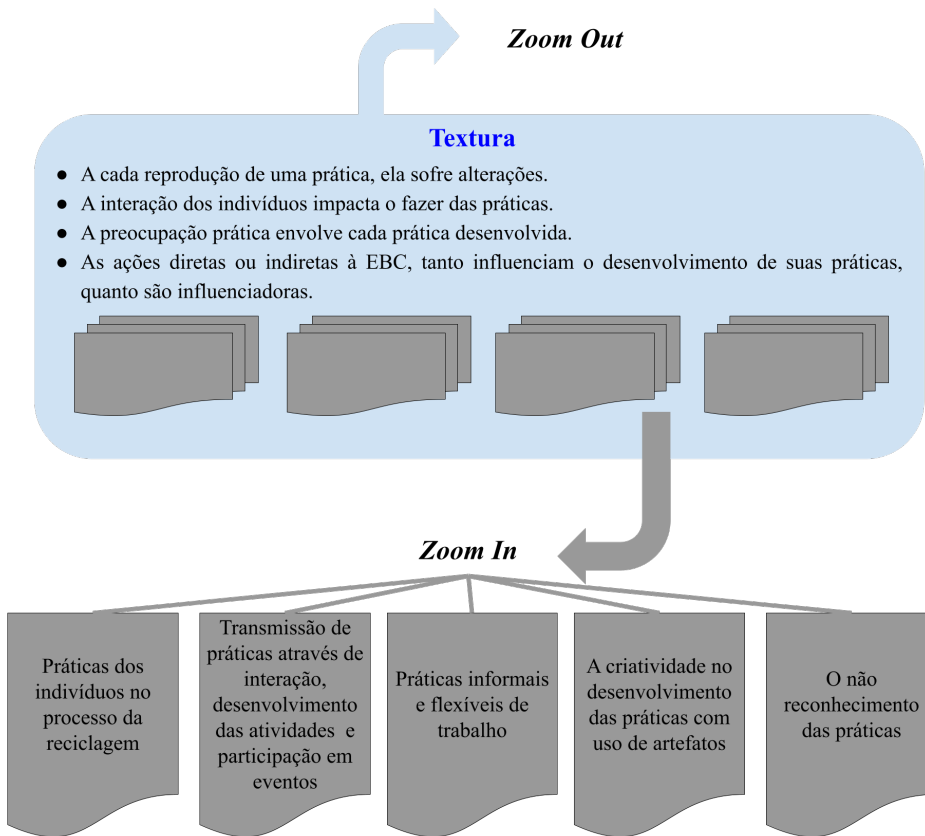


Figura 1. A textura de práticas na Inova  
 Fonte: Desenvolvido pelas autoras (2021)

## Conclusões e recomendações

Este estudo teve como objetivo compreender como a prática do trabalho coletivo da reciclagem é apreendida, produzida e reproduzida. Evidenciou-se que as práticas na Inova são aprendidas tendo por base a experiência de cada indivíduo; as práticas desenvolvidas, que podem ser adaptadas; a interação do grupo; a participação em eventos; o apoio da equipe do projeto. A produção das práticas ocorre por meio da relação entre indivíduos, práticas e materialidade, alicerçada na troca coletiva, porque, mesmo se tratando de um conhecimento único a cada praticante, a prática é um conhecer em ação, constituída pelo social por meio de uma teia de interações coletivas.



As práticas são reproduzidas em meio a uma textura de elementos sociomateriais, os quais influenciam e são influenciados pelas práticas (Gherardi, 2006). O fazer é algo que se transforma a cada prática (Nicolini & Monteiro, 2017), seja pela singularidade presente no ato de quem a desenvolve, seja pelas relações sociomateriais envolvidas. A prática dissolve-se por meio daquilo que os indivíduos sabem, assim como pelas regras que orientam o modo reconhecido como correto de desempenhá-la. Percebeu-se que a prática do trabalho coletivo, mesmo sendo um processo estabilizado, é reorganizada de acordo com as decisões do grupo, fazendo com que as micropráticas sejam instáveis e, por vezes, não institucionalizadas. Isso se fortalece à medida que novos recicladores inserem-se na associação e trazem seu olhar de como construir a prática de reciclagem, o que gera um espaço de aprendizagem sobre o melhor modo de desenvolver a prática, considerando que existem aspectos orientados por regras institucionalizadas que regem o grupo.

A Inova oferece ao grupo autonomia para desenvolver as atividades da maneira que entender pertinente, desde que o resultado não seja inferior ao esperado. O *knowing in practice* é percebido desde o início do processo, o qual demonstra que as práticas são temporárias e ressignificam-se ao longo do tempo, formando uma textura de práticas que envolve tanto as micropráticas quanto as variações que as afetam. As ressignificações nas práticas da Inova, ao tornarem-se institucionalizadas, podem contribuir com outros espaços de reciclagem. O formato da Inova alicerçado no trabalho coletivo do grupo fortalece seu crescimento, e a autonomia e a flexibilidade auxiliam o processo de desenvolvimento das práticas.

A aprendizagem ocorre por meio das práticas de trabalho desenvolvidas na Associação Inova, as quais têm caráter coletivo e colaborativo. O modo de organização e aprendizagem dos recicladores propicia a construção e a reconstrução de práticas ao longo do tempo. Com apoio no entendimento de como são aprendidas, produzidas e modificadas as práticas na Inova é possível, portanto, explicitar: i) a organização e a divisão dos grupos ocorrem no momento da prática, quando são repartidas as tarefas que cada reciclador realizará; ii) os artefatos facilitam a prática de trabalho, em que existem atividades rotineiras, as quais possuem linguagem específica e utilizam equipamentos para seu desenvolvimento; iii) a tomada de decisões ocorre em conjunto, se um reciclador considera que o modo de desenvolver uma prática não é legítimo, ela não pode ser reproduzida; iv) a troca de conhecimento entre os recicladores acontece por meio de reuniões informais e de interações no momento de trabalho, quando negociam o modo de fazer; v) na performatividade das práticas, alguns recicladores buscam ressignificá-las e outros somente reproduzi-las; vi) o refinamento das práticas ocorre por um *continuum*, quer devido ao interesse dos recicladores em inovar quer devido às demandas externas, como mostram os exemplos dos compradores e dos eventos.

Ao investigar como ocorre a aprendizagem em espaços organizativos promissores, tais como associações de reciclagem, esta investigação contribui para o campo de pesquisa em estudos organizacionais, como subsídio na elaboração de projetos e ações sociais relacionados a essa gestão. Percebe-se a congruência de ter amparo na abordagem dos EBPs

para olhar tais contextos, por se obter maior subjetividade para compreender como realmente as pessoas aprendem, considerando que se trata de uma aprendizagem ao longo do tempo, a cada prática e interação desenvolvida. Assim como Santos e Cassandre (2017) expressam, espaços diferenciados que estão estruturando um novo modo organizacional de gestão geram contribuições teóricas relevantes. No caso da Inova, percebe-se a complexidade da textura de práticas que envolve o processo de reciclagem, que, ao destacar o modo como os indivíduos interagem, tornam as práticas institucionalizadas ou não e como, de fato, realizam as práticas coletivas de trabalho.

Em razão de não haver uma teoria unificada dentro dos EBPs, a pesquisa contribui para o desenvolvimento de um novo léxico de compreensão sobre o trabalho coletivo, a fim de que gestores e indivíduos que atuam em projetos sociais, em especial os de reciclagem, sejam capazes de entender as nuances da aprendizagem, da (re)produção e da transformação da prática nesses contextos, ampliando o conhecimento empírico sobre a temática. Outra importante contribuição da pesquisa refere-se à natureza idiossincrática do objeto aqui analisado, visto que foge do *mainstream* dos estudos organizacionais. Ao elucidar aspectos referentes à aprendizagem no contexto de novas formas organizacionais no setor da reciclagem, contribui-se tanto para a ampliação do conhecimento em torno delas, isto é, de espaços que possuem uma finalidade mais subjetiva frente ao viés instrumental, quanto para a ‘naturalização’ de objetos pouco tradicionais à ciência organizacional.

Esta investigação disponibiliza uma contribuição social, por explorar espaços que tradicionalmente não são tão discutidos na academia, oferecendo voz a indivíduos com vivências complexas, os quais, embora tendo pouco avanço intelectual, possuem conhecimento e *expertise* para desenvolver seu trabalho, criam modos diferenciados de realizar as práticas de reciclagem e compartilham conhecimento por meio do trabalho coletivo. Torna-se evidente a extensa teia de relacionamentos que constitui o espaço de reciclagem, o qual é envolvido por uma textura em que as ações da Inova impactam outras associações e podem propiciar o desenvolvimento de novos saberes e fazeres na prática, ancorados em práticas que se tornam reconhecidas e institucionalizadas, transpondo o grupo de trabalho.

Enfatiza-se que estudo, ao lançar luz sobre o processo de aprendizagem na perspectiva dos EBP, não almeja esgotar as possibilidades para compreensão do fenômeno, mas apresentar uma alternativa teórica-empírica para a compreensão da aprendizagem, da produção e da reprodução de práticas coletivas no cotidiano de trabalho em uma associação de reciclagem. Dado o recorte metodológico e diante da dinamicidade das práticas que envolvem o trabalho coletivo da reciclagem, em que diferentes práticas ocorrem ao mesmo tempo e em lugares diversos, talvez, em alguns momentos, certas ações ou evoluções da prática não tenham sido captadas pelas pesquisadoras. As limitações desta investigação concernem sobretudo à lente teórica adotada e às fronteiras metodológicas do estudo.

Como sugestões para pesquisas futuras, indica-se que sejam desenvolvidos estudos que busquem compreender a aprendizagem formal

e informal, com o propósito de verificar o quanto podem contribuir para o crescimento do grupo, bem como analisar como o *knowing in practice* ocorre em espaços cotidianos, em meio à informalidade de trabalhos, como o de reciclagem. Mostram-se também importantes estudos que avancem no entendimento de novas formas organizacionais, incitando oportunidades para discussão sobre a aprendizagem em espaços que se diferenciam daqueles convencionalmente investigados. Ressalta-se a pertinência de abordar a materialidade das práticas, realizando estudos sob o olhar da teoria ator-rede, enfatizando a sociomaterialidade.

## Referências

- Angen, M. J. (2000). Evaluating interpretive inquiry: reviewing the validity debate and opening the dialogue. *Qualitative health research*, 10(3), 378-395.
- Antonacopoulou, E. P., & Pesqueux, Y. (2010). The practice of socialization and the socialization of practice. *Society and Business Review*, 5(1), 10-21.
- Ames, M. C. F. D. C., Serafim, M. C., & Zappellini, M. B. (2017). O estudo da phronêsis nas organizações: uma revisão sistemática. *Encontro da Associação Nacional de Programas de Pós-graduação em Administração*, 41.
- Avila, V. P., & Antonello, C. S. (2016). *Knowing-in-practice: explorando as práticas de um grupo de desenvolvedores de software*. In *Anais do Congresso Estudos Organizacionais*, CBEO, 4, Porto Alegre, RS.
- ker, R. G., Campos, S. A. P., & Antonello, C. S. (2021). A construção de saberes no trabalho do tatuador: um olhar sob a perspectiva da abordagem estética. *Organizações & Sociedade*, 28(99), 831-861.
- Bispo, M. D. S., & Cavalcante, E. D. C. (2019). Inter-professional knowing as collective authorship practice. *The Learning Organization*, 26(2), 205-218.
- Boas, L. F. V., & Cassandre, M. P. (2018). Aprendizagem organizacional: um enfoque acerca da abordagem social da aprendizagem e o elemento “emoção”. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 7(2), 99-116.
- Dean, B. A., & Sykes, C. (2021): A practice-based approach to understanding learning on placement: identifying handholds and knowing how to go on. *Studies in Continuing Education*.
- Bussular, C. Z., & Antonello, C. S. (2018). Organizing and knowing: finding approaches in a processual manner. *Teoria e Prática em Administração*, 8(2), 103-125.
- Camillis, P. K. (2019). A possibilidade de compreensão do Knowing como Conhecimento Enactado no Coletivo: o caso da bioconstrução. *Anais do Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, São Paulo, 43. Recuperado em: 08 de janeiro de 2022 de [http://anpad.org.br/abrir\\_pdf.php?e=MjY1MTE=](http://anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MjY1MTE=)
- Coelho, D. B., & Godoy, A. S. (2011). Entre latas, papelões e outros recicláveis: um estudo sobre a aprendizagem em empreendimentos solidários. In C. S. Antonello, & A. S. Godoy (Org.), *Aprendizagem organizacional no Brasil* (537-564.). Porto Alegre: Bookman.

- Corradi, G., Gherardi, S., & Verzelloni, L. (2010). Through the practice lens: Where is the bandwagon of practice-based studies heading? *Management learning*, 41(3), 265-283.
- Czarniawska, B. (2010). Going back to go forward: on studying organizing in action nets. In T. Hernes, & S. Maitlis (Eds.) *Process, sensemaking, and organizing: perspectives on process organization studies* (pp.140-160). Oxford University Press.
- De Certeau, M. (2014). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. (22 ed.) Petrópolis: Vozes.
- Feldman, M. S., & Orlikowski, W. J. (2011). Theorizing practice and practicing theory. *Organization science*, 22(5), 1240-1253.
- Ferreira, T. A., Fantinel, L. D., & Amaro, R. A. (2021). Corpo e sentidos na pesquisa organizacional: a compreensão empática a partir de uma experiência encarnada. *Revista de Administração Mackenzie*, 22(5), 1-26.
- Fenwick, T., Jensen, K., & Nerland, M. (2012), "Socio-material approaches to conceptualising professional learning, knowledge and practice". *Journal of Education and Work*, 25 (1), 1-13.
- Gadamer, H-G. (2002). *Verdade e método II*. Tradução de Enio P. Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista.
- Gallon, S., Magalhães, B., Viana, D. D., & Antonello, C. S. (2016). Formas de aprendizagem e saberes no trabalho de manicures. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 10(1), 96-112.
- Gherardi, S. (2001). From organizational learning to practice-based knowing. *Human relations*, 54(1), 131-139.
- Gherardi, S. (2006). *Organizational knowledge: the texture of workplace learning*. Blackwell Publishing.
- Gherardi, S. (2008), "Situated knowledge and situated action: what to practice-based studies promise?". In D. Barry, & H. Hansen (Eds.), *The Sage Handbook of New Approaches in Management and Organization* (pp. 516-527). Sage: London.
- Gherardi, S. (2009). Knowing and learning in practice-based studies: an introduction. *The Learning Organization*, 16(5), 352-359.
- Gherardi, S. (2011). Organizational learning: the sociology of practice. In M. Easterby-Smith, & M. A. Lyles (Eds.), *Handbook of organizational learning and knowledge management* (pp. 43-65). Chichester: Wiley.
- Gherardi, S. (2012a). Docta ignorantia: professional knowing at the core and at the margins of a practice. *Journal of Education and Work*, 25(1), 15-38.
- Gherardi, S. (2012b). *How to conduct a practice-based study: problems and methods*. Edward Elgar Publishing.
- Gherardi, S. (2018). Practices and knowledges. *Teoria e Prática em Administração*, 8(2) (special issue), 33-59.
- Gherardi, S. (2019). Practice as a collective and knowledgeable doing. In *Working Paper*, Series No. 8 June 2019, Collaborative Research Center 1187 Media of Cooperation.
- Gherardi, S., Cozza, M., & Poggio, B. (2018), "Organizational members as storywriters: on organizing practices of reflexivity". *The Learning Organization*, 25(1), 51-62.

- Gherardi, S., & Nicolini, D. (2001). The sociological foundations of organizational learning. In M. Easterby-Smith, & M. A. Lyles (Eds.), *Handbook of organizational learning and knowledge management* (pp. 35-60). Chichester: Wiley.
- Gherardi, S., & Perrotta, M. (2011). "Egg dates sperm: a tale of practice change and its institutionalization". *Organization*, 18(5), 595-614.
- Gherardi, S., & Rodeschini, G. (2015). Caring as a collective knowledgeable doing: About concern and being concerned. *Management Learning*, 47(3), 266-284.
- Gherardi, S., & Strati, A. (2014). *Administração e aprendizagem na prática*. Elsevier: São Paulo.
- Godoy, A.S. Estudo de caso qualitativo (2006). In C. K. Godoi, R. Bandeira-de-Mello, & A. B. Silva (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos* (pp.115-146.). São Paulo: Saraiva.
- Gómez, G. R., Flores, J. G., & Jiménez, E. G. (1996). *Metodología de la investigación cualitativa*. Ediciones: Aljibe.
- Guile, D. (2014). "Inter-professional working and learning: a conceptualization of their relationship and its implications for education". In T. Fenwick, & M. Nerland (Eds.), *Reconceptualising professional learning: socio-material knowledges, practices and responsibilities* (pp. 125-139). Routledge: New York.
- Heidegger, M. (2002). *Interpretaciones fenomenológicas sobre Aristóteles: indicación de la situación hermenéutica [Informe Natorp]*. Trad. Jesus Adrián Escudero. Madrid: Editorail Trotta.
- Hui, A. (2013). Moving with practices: the discontinuous, rhythmic and material mobilities of leisure. *Social & Cultural Geography*, 14(8), 888-908.
- Kemmis, S., Edwards-Groves, C., Wilkinson, J., & Hardy, I. (2012). Ecologies of practices. In P. Hager, A. Lee, & A. Reich. (Eds.), *Practice, learning and change: Practice-theory perspectives on professional learning*, 8 (pp. 33-49). Dordrecht, Netherlands: Springer.
- King, N. (2004). Using templates in the thematic analysis of texts. In Cassell, C., & Symon, G. (Ed.). *Essential guide to qualitative methods in organizational research* (pp. 257-270). London, UK: Sage.
- Macintyre, A. (2007). *After virtue: a study in moral theory*. (3. ed.) Notre Dame: University of Notre Dame Press.
- Moura, E. O. D. & Bispo, M. D. S. (2021). Compreendendo a prática da gestão escolar pela perspectiva da sociomaterialidade. *Organizações & Sociedade*, 28(96), 135-163.
- Nicolini, D. (2009a). Zooming in and out: studying practices by switching theoretical lenses and trailing connections. *Organization Studies*, 30(12), 1391-1418.
- Nicolini D. (2009b). Articulating practice through the Interview to the Double. *Management Learning*, 40(2), 195-212.
- Nicolini, D. (2012). *Practice theory, work, and organization: An introduction* (1 ed.). Oxford: University Press.
- Nicolini, D., Gherardi, S., & Yanow, D. (2003) Introduction: toward a practice-based view of knowing and learning in organizations. In: *Knowing in organizations: A practice-based approach*. ME Sharpe.

- Nicolini, D., & Monteiro, P. (2017). The practice approach in organizational and management studies. In A. Langley, & H. Tsoukas (Eds.), *The Sage Handbook of Process Organization Studies* (pp. 110–126). London: Sage Publications Ltd.
- Oliveira, D. G., Mozzato, A. R., & Colet, D. S. (2016). Aprendizagem baseada em prática: entre remédios e receitas em pequena farmácia. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 5(3), 90-115.
- Orlikowski, W. J. (2002). Knowing-in-practice: enacting a collective capability in distributed organizing. *Organization Science*, 13(3), 249-273.
- Pimentel, R., & Nogueira, E. E. D. S. (2018). Estudos baseados na prática: possibilidades metodológicas para pesquisas em estudos organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 25(86), 350-370.
- Sawitzki, R. C., & Antonello, C. S. (2014). Em cena e nos bastidores: processos de aprendizagem de um grupo de trabalhadores de uma organização do terceiro setor. *Revista Alcance*, 21(4), 719-748.
- Ricoeur, P. (2009). *O problema fundamental da moral*. Tradução de Gonçalo Marcelo com revisão de Marcelino Agis Villaverde. In *A Força da Razão Compartida*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Rozas, D., Resch, B., & Díaz-Molina, S. (2020). Maintaining an affective commons through events: a practice-based study of three collaborative communities. *4th Dauphine Phenomenology Workshop. Experiencing Commons and Communalization: Feeling, Emotion and Affect in the Common Good*. Paris.
- Santos, V. S., & Cassandre, M. P. (2017). Reflexões sobre água, sabão e conhecimento: aprendizagem organizacional na prática das serventes de limpeza de uma instituição de ensino federal. *Teoria e Prática em Administração*, 7(1), 170-206.
- Santos, E. C. D., Silva, Í. H. D. F. R. D., Dias, P. K., & Morais, W. M. (2021). Saberes e práticas organizativas das culturas populares na cidade de Caruaru, Pernambuco, Brasil. *Organizações e Sociedade*, 28(98), 467-486.
- Silva, M. E., & Figueiredo, M. D. (2020). Practicing sustainability for responsible business in supply chains. *Journal of Cleaner Production*, 251, 119621.
- Silva, C. L. R. D., & Silva, A. R. L. D. (2019). Sociomaterialidade, poder e conexões em redes de ação no organizar do artesanato. *Revista de Administração Contemporânea*, 23(4), 454-475.
- Spurling, N., McMeekin, A., Shove, S., Southerton, D., & Welch, D. (2013). *Interventions in practice: re-framing policy approaches to consumer behaviour*. University of Manchester, Sustainable Practices Research Group, Manchester, UK.
- Strati, A. (2007). *Organização e estética*. Rio de Janeiro: Editora FGV.